

ARTIGO

## **ESTRATÉGIAS DO SUBÚRBIO: A EXPERIÊNCIA DO SPORT CLUB MACKENZIE (RIO DE JANEIRO; 1914-1932)**

VICTOR ANDRADE DE MELO

Professor Doutor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).  
Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-1983-1475>

BRUNO ADRIANO RODRIGUES DA SILVA

Professor Doutor da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio).  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0772-2503>

**RESUMO:** Este artigo tem por objetivo discutir como a experiência do Sport Club Mackenzie, agremiação do bairro do Méier/Rio de Janeiro, se estabeleceu como uma estratégia para combater estigmas e apresentar maneiras de se portar ligadas a projetos de valorização local. Como recorte temporal, adotamos o ano de criação do clube (1914) e o momento em que se afastou dos campeonatos de futebol promovidos por uma prestigiosa liga (1932). Como fontes, foram usados jornais e revistas. Espera-se contribuir para ampliar os olhares sobre a história dos clubes esportivos cariocas, do esporte e dos subúrbios, áreas cidadinas que merecem maior atenção e cuidado.

**PALAVRAS-CHAVE:** História dos clubes esportivos. História do Esporte. História do Rio de Janeiro. Subúrbio.

## **SUBURBAN STRATEGIES: THE SPORT CLUB MACKENZIE EXPERIENCE (1914-1932)**

**ABSTRACT:** This article aims to discuss how the experience of Sport Club Mackenzie, a club in the Méier / Rio de Janeiro neighborhood, was established as a strategy to combat stigmas and present ways of behaving linked to projects of local valorization. As a time frame, we adopted the year of creation of the club (1914) and the moment when it moved away from the football championships promoted by a prestigious league (1932). Magazines and newspapers were used as sources. It is expected to contribute to broaden the views on the history of sporting clubs, sports, and the suburbs, city areas that deserve more attention and care.

**KEYWORDS:** History sporting clubs. History of Sport. History of Rio de Janeiro. Suburb.

Recebido em: 28/11/2020

Aprovado em: 10/03/2021

DOI: <http://dx.doi.org/10.23925/2176-2767.2021v71p294-323>

## Introdução

Ela pega no Méier o 456  
No fim de semana  
Vai à praia em Ipanema  
Desce na areia o dia é dela  
É coisa mais linda da face da terra  
(...)  
Ela volta pro Méier pela linha amarela  
Com a pele quase preta  
Usa a canga de saia  
No 456, ela pula a roleta  
Quem mora no Méier não boboia  
No ônibus cheio, trocamos uma ideia  
Quem mora no Méier não boboia.<sup>1</sup>

“Quem mora no Méier não boboia”: a expressão marcada por indisfarçada ironia, manifesta inclusive na rima somente possível em função do sotaque carioca, é usualmente escutada nas ruas, registrada em canções, exibida em programas de televisão, esgrimida como sinal do orgulho do morador de um dos mais conhecidos bairros do Rio de Janeiro, sede de importantes movimentos culturais. Mais do que curiosidade idiomática, trata-se de um indicador de certas peculiaridades forjadas por uma experiência que deu forma a uma identidade local.<sup>2</sup>

A história do Méier guarda muitas similaridades com a de outros bairros da zona suburbana do Rio de Janeiro. Uma antiga fazenda de cana de açúcar, o Engenho Novo da Companhia de Jesus, pertencente aos jesuítas, foi leiloada por ocasião de sua expulsão do Brasil (1759). Futuramente, uma parte dessas terras, vastas extensões nas freguesias de Engenho Novo e Inhaúma, passaria à posse de José Paulo de Mata Duque Estrada (GERSON, 1965).

O bairro começou a se delinear quando o camarista Augusto Duque Estrada Meyer, filho de Jerônima Duque Estrada e Miguel João Meyer, se tornou proprietário, loteou e urbanizou parte daquelas terras. Já tinha falecido (1882) quando foi inaugurada a estação férrea que levou seu nome

---

<sup>1</sup> Garota do Méier. Composição de Gabriel Moura.

<sup>2</sup> As noções de experiência e peculiaridade são trabalhadas a partir do que propõe E. P. Thompson. Ver: Negro e Silva (2001). Identidade é tratada como um conjunto de representações que tem algum grau de consenso, se estabelecendo como uma estrutura estruturante. Ver: Anderson (2005).

(1889). Àquela altura, “O Méier era ainda um zero no mapa do Rio, e fora de Inhaúma e Irajá, quem comandava a vida suburbana mais próxima de São Cristóvão era o Engenho Novo” (GERSON, 1965, p. 545).

De fato, na divisão territorial de 1890, o bairro fazia parte da Freguesia do Engenho Novo. Em 1903, contudo, quando mudou a terminologia da organização cidadina, passou a integrar – em conjunto com Engenho de Dentro, Todos os Santos, Cachambi, entre outros<sup>3</sup> – o Distrito do Méier, que se separara da antiga freguesia (MIYASAKA, 2016).

O aumento do número de moradores motivara a divisão da antiga Freguesia em dois Distritos (Engenho Novo e Méier). Nas duas primeiras décadas do século XX, em função das reformas urbanas, especialmente a protagonizada por Pereira Passos, houve um processo de gentrificação da região central. Populares e gente de estratos médios foram à busca de habitação em áreas mais distantes. A instalação de novas estações e melhoria dos serviços da linha férrea foram importantes intervenientes no tocante a esse deslocamento populacional e desenvolvimento dos bairros suburbanos (ABREU, 1987).

Em 1890, a Freguesia do Engenho Novo possuía 27.813 moradores. Em 1906, a mesma região possuía 28.422 do Distrito do Engenho Novo aos que se somavam 34.476 do Distrito do Méier. Mais do que dobrara o número de habitantes. Em 1920, já eram respectivamente 41.727 e 57.252, quase o quádruplo (MIYASAKA, 2016).

Em 1906, no Distrito do Méier morava o maior número de funcionários públicos da cidade, mais de 10 % do total. Nesse aspecto, destacava-se também o Engenho Novo. Esse perfil manteve-se em 1920 (MIYASAKA, 2016). Essa é uma observação importante para que tenhamos em conta certo padrão da elite da região, também habitada por muitos trabalhadores do comércio e profissionais liberais (tais como advogados, médicos e engenheiros).<sup>4</sup>

Deve-se considerar que a região era marcada pela heterogeneidade social. Desde o século XIX, era também habitada por gente de camadas

---

<sup>3</sup> A delimitação oficial dos bairros é mais recente (Decreto nº 3158, de 23 de julho de 1981), mas já era corrente a utilização do termo para definir uma área da cidade, ainda que imprecisa do ponto de vista das fronteiras.

<sup>4</sup> Lima Barreto denominava de “aristocracia suburbana” essa elite local, um grupo que gozava de destaque e exercia liderança nos bairros do subúrbio, mas não necessariamente reconhecimento nas zonas central e sul da cidade.

populares, grupo que cresceu nos anos iniciais do século XX. Vale lembrar que uma das principais elevações da área foi denominada Serra dos Pretos Forros, exatamente pelo afluxo de ex-escravos.

Um dos motivos de atratividade da região era não ser tão distante da zona central da cidade, onde se encontrava maior número de serviços e postos de trabalho. Na verdade, nas divisões territoriais de 1890, 1906 e 1920, o Distrito do Méier não era oficialmente considerado parte da zona suburbana, mas sim o limite da área urbana.

Essa característica fronteira é uma das peculiaridades do bairro. Mesmo oficialmente sendo parte da zona urbana, nele forjou-se uma identidade suburbana. Lima Barreto, que morava em Todos os Santos, certa feita, afirmou com uma ponta de ironia: “É o Méier o orgulho dos subúrbios e dos suburbanos”.<sup>5</sup> A seu olhar, “a impressão que dá não é bem de subúrbio, mas de uma cidade média”.

De fato, nos anos iniciais do século XX, houve um grande desenvolvimento do bairro, especialmente impulsionado pelo crescimento do comércio (MENDONÇA, 2011), processo que tinha relação com o perfil dos moradores, gente que possuía algum poder de consumo. Para um cronista, o “Méier que, com justiça, se classifica de Capital do subúrbio, desenvolve-se exclusivamente à custa de seus moradores, proprietários e do comércio local. Quem examina suas ruas, porém, verifica o descaso da Prefeitura (...)”.<sup>6</sup>

Esse texto é da lavra do médico e político (intendente em algumas ocasiões) Ângelo Tavares, um dos mais combativos cronistas da Revista Suburbana, importante periódico dirigido por José Roberto Vieira de Melo, “antigo membro da direção da União Operária de Engenho de Dentro” (MENDONÇA, 2011, p. 73). O Méier foi sede de várias iniciativas de imprensa suburbana cujo intuito era apontar os problemas locais e lutar por melhorias nas condições de urbanidade, bem como combater estigmas que, a partir do olhar da região central da cidade, inferiam que os subúrbios eram marcados pela desordem, incivilidade, violência.<sup>7</sup>

Esses periodistas também buscaram forjar representações positivas dos subúrbios, se engajando e elogiando as realizações locais. Um cronista

---

<sup>5</sup> BARRETO, Lima. A Estação. Gazeta de Notícias, 6 out. 1921, p. 2.

<sup>6</sup> MELHORAMENTOS suburbanos. Revista Suburbana, 6 jul. 1918, p. 18.

<sup>7</sup> Sobre os periódicos suburbanos, ver Mendonça (2011). Sobre o processo de estigmatização dos subúrbios, ver Fernandes (1995).

da Revista Suburbana, por exemplo, comentou o que considerou avanços na vida social do Méier. Para ele, “À noite, sua aristocracia, sua existência social e elegante, como pedra rara de mil facetas luminosas, fulge adejando no Jardim ou brilha à porta do Cine-Meyer, do Mascote ou, ainda, no Teatro Polytheama”.<sup>8</sup> Seriam especiais os finais de semana: “Que delícia para os olhos e deleite de espírito ver-se aos domingos todo o seu incomparável mundo feminino, como num curso feérico passeando no Jardim, conglobando-se à entrada dos cinemas, assaltando os bondes para o futebol (...)”.

Tais narrativas e iniciativas estabeleciam um duplo diálogo. De um lado, procurava-se demonstrar para as regiões centrais que no Méier (e nos subúrbios) também se aderira aos ideais de civilização e progresso. De outro lado, consolidava-se a imagem de uma elite local que tentava definir parâmetros julgados adequados para a vida cotidiana. Os moradores deveriam aprender a se portar e ser partícipes desse projeto de valorização do bairro que tinha como base a adesão a noções de modernidade. Deveriam aprender a ser suburbanos que não reproduzissem os estigmas difundidos.

Essas representações positivas do bairro circularam também em periódicos prestigiosos. Para um cronista da Revista da Semana, o Méier merecia o título de “capital dos subúrbios” pelo desenvolvimento alcançado.<sup>9</sup> Graças ao seu pujante comércio, “em todas as suas ruas encontram-se bonitas construções, defendidas por pitorescos parques e bem cuidados jardins, esplendidos pomares ou bem sortidas chácaras”. Nesse olhar, teria “ligeiras aparências com Botafogo, Vila Isabel ou qualquer um outro bairro de afamada importância”. Note-se a comparação. Mesmo elogiosa a matéria, persistia o estigma, se estabelecia uma certa hierarquia na conformação do espaço urbano.

Como se pode perceber nos posicionamentos dos cronistas, um dos aspectos marcantes de desenvolvimento do bairro foi a estruturação de um mercado de entretenimentos, um desdobramento do processo de crescimento populacional e diversificação societária (MELO, 2020). Nesse cenário, se deu a criação de muitas agremiações recreativas, entre as quais

---

<sup>8</sup> VIDA alheia. O Méier por dentro. Revista Suburbana, 20 ago. 1922, p. 13.

<sup>9</sup> VIDA suburbana. Méier. Revista da Semana, 31 jan. 1909, p. 8.

algumas esportivas. No Méier, entre tantas que surgiram, destaca-se a trajetória de uma fundada em 1914, ativa até os dias atuais: o Sport Club Mackenzie.

Os clubes esportivos são importantes fóruns de organização dos diferentes grupos sociais. Associações autônomas por onde passa, em geral, parte das lideranças dos bairros, ao seu redor se estruturam iniciativas que vão além da mera diversão, ainda que essa seja uma intenção importante. Muitas de suas ações têm finalidades políticas e identitárias. Suas atividades não raramente difundem posturas e comportamentos públicos julgados adotados.

Neste estudo, consideramos que a relação entre diversão e educação se dá a partir de uma dupla dimensão: para e pelo entretenimento. Isso é, de um lado, todos devem aprender a se comportar nos espaços públicos de convivência; de outro, simultaneamente, nessas ocasiões são difundidas novas formas de se portar ligadas ao forjar de identidades (MELO, 2020).

Partindo desse olhar, este estudo tem por objetivo discutir como a experiência do Sport Club Mackenzie se estabeleceu como uma estratégia para combater estigmas e apresentar maneiras de se portar ligadas aos projetos de valorização do Meier. Como recorte temporal, adotamos o ano de criação da agremiação (1914) e o momento em que se afastou dos campeonatos de futebol promovidos por uma prestigiosa liga (1932).

Como nos interessa entender a repercussão pública das atividades do Sport Club Mackenzie, como fontes foram utilizados jornais e revistas publicados no Rio de Janeiro no período em tela. Os posicionamentos dos cronistas foram tratados como representações<sup>10</sup> que nos ajudam a perceber a construção de uma imagem para a sociedade esportiva, algo que se extrapolava para o bairro.

Ao lançar um olhar para a trajetória do Mackenzie, esperamos contribuir para ampliar a compreensão sobre a história dos clubes esportivos cariocas, do esporte e dos subúrbios, áreas citadinas que merecem maior atenção e cuidado.<sup>11</sup>

---

<sup>10</sup> Para trato das fontes, tivemos em conta as sugestões de Luca (2005).

<sup>11</sup> Para um debate sobre a importância política de investigar a história do subúrbio, ver Maciel (2010).

## **Mackenzie: um clube esportivo**

Na versão apresentada no sítio da agremiação do Méier,<sup>12</sup> veiculada também em alguns jornais<sup>13</sup>, sua origem seria o Odeon Futebol Clube, criado em 1912. Os associados teriam resolvido tentar uma empreitada mais ambiciosa, fundando, em 1914, o Sport Club Mackenzie<sup>14</sup>, nome sugerido por um dos sócios em lembrança aos notórios colégio e clube paulistanos.<sup>15</sup>

No Rio de Janeiro, essa representação é um muito usual no que tange à criação de agremiações: um grupo de rapazes fundam um clube com o intuito de inserir o bairro nas iniciativas esportivas da cidade. Trata-se de uma versão, até certo ponto, épica, mas que guarda concretudes que merecem um olhar atento.

Só encontramos duas evidências sobre o Odeon.<sup>16</sup> Nelas, há referências a dois diretores envolvidos com a fundação do Mackenzie, José Rabello Leite Júnior e Thomaz do Amaral Vasconcellos, bem como à sede/campo da agremiação, localizada na Rua Salvador Pires, na fronteira entre os bairros de Todos os Santos e Cachambi.

Perceba-se que, no início, o Mackenzie era um clube do Distrito do Méier, mas não exatamente do bairro. Como lembra Schwarcz (2017, p. 134): “enquanto o Méier representava o agito, Todos os Santos era pura calma”. De acordo com a autora, o segundo era marcado por ser uma região “residencial e pacata”; já a “capital dos subúrbios” pelo “movimento comercial e de lazer”.

Note-se que o Odeon/Mackenzie não era o único nem fora o pioneiro do Distrito dedicado ao velho esporte bretão. Num momento em que o futebol estava rapidamente se espalhando pela cidade (SANTOS, 2010),<sup>17</sup> havia, entre outros, o Americano (criado em 1907), o Royal (fundado em 1913), o Sete Setembro (de 1914). Além disso, o bairro já possuía outras agremiações recreativas, entre as quais o Clube dos Fenianos do Méier e os Destemidos

---

<sup>12</sup> Disponível em <<https://www.sportclubmackenzie.com.br/historia-do-clube/>>. Acesso em: 4 mai. 2020.

<sup>13</sup> FUTEBOL. O Paiz, 15 mar. 1919, p. 7.

<sup>14</sup> A data oficial de fundação do Mackenzie é 15 de março de 1914 (DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO, 16 jan. 1936, p. 89).

<sup>15</sup> O Colégio Presbiteriano Mackenzie foi criado em São Paulo, em 1870. Em seu interior, em 1896, surgiu a Associação Atlética Mackenzie College.

<sup>16</sup> FUTEBOL. O imparcial, 9 out. 1913, p. 8; FUTEBOL. O Imparcial, 30 out. 1913, p. 8.

<sup>17</sup> Para outro olhar sobre a difusão do futebol no Rio de Janeiro, ver Pereira (2000). Tendo em conta o que pretendemos discutir neste estudo, nos pareceu mais adequado dialogar com a obra de Santos (2010).



do Méier, envolvidos com as festas carnavalescas, bem como o Grupo Musical do Méier, que se apresentava nas praças e ruas da região.<sup>18</sup>

A principal praça do bairro, o Jardim do Méier, um projeto da administração Paulo de Frontin, foi inaugurada em 1916, rapidamente se tornando um espaço importante para a vida social local. Além disso, havia muitos cinemas – entre os quais o Americano, Edison, Meier, Mascote<sup>19</sup> –, bem como o Teatro Polytheama.

Na década de 1910, portanto, já havia no Méier uma dinâmica vida social e um mercado de entretenimento sensivelmente estruturados. Como o Mackenzie se inseriu nesse cenário? Vejamos como o clube se apresentou nos seus estatutos. Não conseguimos acesso aos primeiros, mas sim extratos de outros dois publicados no Diário Oficial. Em 1925, percebemos um intuito ampliado, para além do envolvimento com o futebol: “promover entre seus sócios a prática de todos os jogos e exercícios desportivos aconselhados ao desenvolvimento físico”.<sup>20</sup> Em 1935, nova ampliação das intencionalidades: “promover entre seus associados a cultura física, divertimentos e reuniões sociais”.<sup>21</sup>

Parece-nos que o Mackenzie, que a princípio teve um envolvimento mais denotado com o futebol, foi, no decorrer do tempo, consolidando e ampliando suas ambições no que tange à participação em outros esportes e atividades sociais, bem como no tocante à educação dos comportamentos de seus associados. Quem seriam esses personagens envolvidos com o clube?

Pelo perfil da equipe de futebol, podemos ter uma ideia da base societária do Mackenzie. Em 1920, o clube encaminhou um protesto por uma equipe adversária ter escalado um jogador que supostamente feriu o artigo 75 dos estatutos da Liga Metropolitana – “não poderão ser registrados os (...) que tirem seus meios de subsistência de qualquer profissão braçal, considerada como tal a que dependa exclusivamente de esforços físicos”.<sup>22</sup>

Os futebolistas do Mackenzie não pareciam mesmo se enquadrar na categoria “trabalhadores braçais”, profissões majoritariamente exercidas por

---

<sup>18</sup> VIDA suburbana. Revista da Semana, 31 jan. 1909, p. 9.

<sup>19</sup> Foi grande o número de cinemas no Méier e nos bairros vizinhos. Para mais informações, ver Sousa (2014).

<sup>20</sup> Diário Oficial da União, 31 mar. 1925, p. 70.

<sup>21</sup> Diário Oficial da União, 9 out. 1935, p. 52,

<sup>22</sup> FUTEBOL. O Jornal, 19 out. 1920, p. 12.

indivíduos das camadas populares. Era gente de estratos médios que gozava de destaque no bairro, membros de uma elite local que tinha aspirações de maior inserção na sociedade carioca, não somente no Distrito.

Dado esse perfil, não surpreende que, já em 1915, o Mackenzie estivesse envolvido com a fundação da Associação Carioca de Futebol, uma liga de seis clubes, nenhum de maior porte.<sup>23</sup> Era pouco para as ambições da agremiação do Méier. Em 1916, se engajou na criação de uma entidade de abrangência mais ampla, integrada por maior número de equipes, inclusive uma de Niterói: a Liga Municipal de Futebol.<sup>24</sup>

Nesse mesmo ano, o Mackenzie deu um passo ainda maior – solicitou filiação à Liga Metropolitana de Esportes Atléticos, naquele momento a mais prestigiosa do futebol carioca (SANTOS, 2010).<sup>25</sup> Mesmo que alocado na 3ª divisão, na qual se encontravam equipes de menor expressão, ficava clara a intenção de se inserir nos círculos mais notáveis da cidade. Há que se ter em conta que, com tal decisão, aumentaram as exigências e necessidade de investimento.

Parte desse esforço foi a inauguração de uma nova praça de esportes, ocasião que contou com a participação de vários clubes dos subúrbios do Rio de Janeiro<sup>26</sup>. Um ano depois, com grande festa e repercussão nos jornais, inaugurou-se também uma nova sede social na Rua Dias da Cruz,<sup>27</sup> logradouro que se estabeleceu como mais importante do bairro e onde, no futuro, o Mackenzie se instalaria em definitivo.<sup>28</sup>

Com a inserção na Liga Metropolitana de Desportos Terrestres (nova denominação da Liga Metropolitana de Esportes Atléticos), o nome do clube se tornou mais conhecido na cidade. Logo, os jornais já o apresentavam como “simpático Sport Club Mackenzie, tão justamente querido no Méier, onde conta com grande número de adeptos e torcedores”.<sup>29</sup>

A agremiação passou a ser considerada como uma expressão de uma sociedade ativa que se exibia na cena pública à moda do que havia nas zonas Central e Sul da cidade, uma representação que interessava às

---

<sup>23</sup> ASSOCIAÇÃO Carioca de Futebol. A Época, 4 jun. 1915, p. 4.

<sup>24</sup> FUTEBOL. Jornal do Comércio, 11 mar. 1916, p. 8.

<sup>25</sup> FUTEBOL. Jornal do Comércio. 12 dez. 1916, p. 6.

<sup>26</sup> CLUBES da Metropolitana. O Imparcial, 11 set. 1917, p. 9.

<sup>27</sup> FUTEBOL. Jornal do Comércio, 4 mar. 1918, p. 6.

<sup>28</sup> EXPEDIENTE Oficial. Jornal do Brasil, 11 jul. 1921, p. 9. Antes da sede atual, o clube se instalou em muitos endereços no Méier.

<sup>29</sup> FUTEBOL. O Paiz, 15 set. 1917, p. 6.

lideranças locais desejosas por forjar uma boa imagem para o bairro. O clube passou a ser apresentado aos moradores como um exemplo a ser seguido por seus intuítos civilizatórios.

As lides futebolísticas, todavia, são uma faca de dois gumes. O que é confraternização, rapidamente vira conflito. Os discursos civilizatórios em inúmeras ocasiões são contraditos pelas situações concretas de jogo. Por vezes isso tem relação com rivalidades locais.

Fundado em 1907, o Americano Futebol Clube foi uma agremiação que teve sede em vários bairros, sempre no Distrito do Méier. Em 1918, estava instalado na Rua Magalhães Couto. Nesse ano, foi campeão da 3ª divisão da Liga Metropolitana, deixando o Mackenzie em 2º lugar. A rivalidade se tornou uma das principais da região motivada, bem percebeu um cronista, “porque ambos almeja(va)m a supremacia esportiva suburbana”.<sup>30</sup> Os jogos atraíam grande público<sup>31</sup> e eram marcados por certa tensão.

Em 1917, ao final de um jogo, “uma série de discussões (...) tomaram um calor demasiado”.<sup>32</sup> O conflito não chegou às vias de fato no campo, mas se prolongou pela noite. Na Confeitaria Moderna – importante ponto de encontro do bairro<sup>33</sup> - se enfrentaram um jogador de cada equipe. José Soares Barbosa, que tentava apaziguar a briga, acabou esfaqueado.<sup>34</sup> O incidente tomou os jornais por dias, sendo publicadas várias versões do ocorrido. A Liga Metropolitana avaliou propostas de punição.<sup>35</sup>

Essas situações colocavam em risco as representações forjadas sobre o clube. Se o Mackenzie era uma expressão do progresso do bairro, um exemplo a ser seguido para que se “aprendesse a ser suburbano” num sentido que não reiterasse os estigmas usuais acerca da região, os jogadores e torcedores não deveriam reproduzir comportamentos tidos como bárbaros. Esses conflitos se tornaram uma preocupação das lideranças locais.

Não foi a única vez que o nome do Mackenzie chegou aos jornais por episódios de violência. Outro ocorreu no campo do Sport Club Rio de Janeiro,

---

<sup>30</sup> FUTEBOL. O Paiz, 14 jun. 1920, p. 6.

<sup>31</sup> Santos (2010) percebe que era um dos jogos que tinha maior renda na 2ª divisão da Liga Metropolitana, maior até do que algumas partidas da 1ª divisão.

<sup>32</sup> POR causa do futebol. Gazeta de Notícias, 2 out. 1917, p. 5.

<sup>33</sup> A Confeitaria Moderna era constantemente elogiada nos periódicos, tida como sinal do progresso do bairro. Ver, por exemplo: DR. FRONTIN. O Imparcial, 2 nov. 1913, p. 6.

<sup>34</sup> POR causa do futebol. Gazeta de Notícias, 2 out. 1917, p. 5.

<sup>35</sup> FUTEBOL. Gazeta de Notícias, 6 out. 1917, p. 6.

encerrado somente com a intervenção policial<sup>36</sup>. Um cronista se mostrou muito crítico ao ocorrido: “os conflitos em dias de jogo já não mais causam admiração”,<sup>37</sup> a seu ver, um sinal de que tudo “o que tinha de cavalheiresco (...) sumiu”, abandonando-se o sentido de conagraçamento que deveria caracterizar os encontros esportivos.

Em 1918, os problemas se deram num jogo contra o Vasco da Gama. A contestação da agremiação cruzmaltina inferiu que o Mackenzie se utilizava de contatos na imprensa para ocultar os fatos.<sup>38</sup> Tais acusações incomodavam às lideranças do bairro, feriam os projetos que entabulavam para valorizar a imagem do Méier, para o tornar reconhecido por representações positivas. A torcida precisava ser educada.

De fato, havia alguma simpatia de determinados setores da imprensa com o Mackenzie. O clube era constantemente apresentado como provável campeão, usualmente elogiado por seu desempenho nos gramados, bem como pela animação dos torcedores,<sup>39</sup> a despeito dos conflitos no campo. A imagem da agremiação se tornara muito veiculada, chegando a ser capa de uma importante revista.

Figura 1 - Mackenzie X Brasil.



Fonte: Capa de Vida Sportiva (15 jun. 1918).

As torcedoras do Mackenzie ganharam fama não somente por sua participação nos jogos como também por organizarem eventos que

<sup>36</sup> FUTEBOL. O Paiz, 17 jul. 1920, p. 12.

<sup>37</sup> UMA SEMANA Cheia. Sport Illustrado, 09 out. 1920, p. 17.

<sup>38</sup> FUTEBOL. O Imparcial, 10 abr. 1918, p. 9.

<sup>39</sup> Ver, por exemplo: A ULTIMA tarde esportiva de 1917 foi sensacional. A Época, 31 dez. 1917, p. 4.

animavam o bairro<sup>40</sup>. Um cronista irônico chegou a publicar uma trova comentando essa presença constante nos estádios:

Essa que passa por aí, senhores, é do Mackenzie uma torcida forte! Por ela, diz alguém morrer de amores, porém, não passa de um coió sem sorte! Contam que numa noite de esplendores, num baile do Mackenzie, em frase forte, esse alguém lhe confessou as suas dores, e não logrou, contudo, melhor sorte!<sup>41</sup>

Num concurso promovido pelo *Jornal das Moças* – uma revista feminina com grande penetração nacional que cobria com certa frivolidade assuntos ligados às mulheres – para escolher a torcedora mais apaixonada do subúrbio,<sup>42</sup> Cecília Domingues,<sup>43</sup> representando o Mackenzie, destacou-se entre as mais votadas. Entre essas se encontrava também Carminha Leite, representante do rival Americano. O Méier, de fato, parece ter adquirido o gosto pelo futebol.

Esse protagonismo feminino não era uma exceção na cidade. Desde o século XIX, percebe-se um paulatino aumento da presença das mulheres na cena pública, inclusive nas esferas esportivas, espaços que se tornaram um dos principais no que tange às conquistas femininas. Nas décadas de 1910 e 1920, esse processo tornou-se ainda mais pronunciado, até mesmo nos eventos futebolísticos (BONFIM, 2019).

No caso das atividades do Mackenzie, assim como ocorria em outros clubes da cidade, as mulheres eram bem-vindas, integradas no espetáculo, presença entendida como positiva para a imagem do evento. De outro lado, havia a preocupação de que deveriam também ser educadas para essa nova performance pública. No que tange à agremiação do Méier, tal envolvimento era também encarado como oportunidade de boa propaganda dos progressos do bairro.

A propósito, em outro concurso promovido para escolha do melhor jogador de futebol do subúrbio, Mathias, do Mackenzie, ficou em 2º lugar.<sup>44</sup> A

---

<sup>40</sup> Ver, por exemplo, A FESTA das torcedoras do Sport Club Mackenzie. *O Imparcial*, 13 ago. 1917, p. 8.

<sup>41</sup> UMA TORCEDORA do Mackenzie. *Vida Sportiva*, 8 jun. 1918, p. 10.

<sup>42</sup> QUAL a torcedora mais apaixonada? *Jornal das Moças*, 9 mai. 1918, p. 25

<sup>43</sup> Cecília Domingues marcava presença em muitos eventos esportivos, por vezes participando de provas de corridas. Além do Mackenzie, frequentava as atividades do Clube de Natação e Regatas.

<sup>44</sup> CONCURSO de futebol. *Gazeta Suburbana*, 31 mai. 1919, p. 5.

questão central não é discutir a qualidade do time, mas sim perceber a mobilização dos torcedores e moradores do Méier para elevar o nome da agremiação. O esporte ajudava a forjar uma identificação e uma identidade local.

Dada à forte ligação com o bairro, não surpreende que os comerciantes locais, alguns deles sócios do Mackenzie, tenham apoiado o clube. Com os bons resultados nos gramados<sup>45</sup>, esse auxílio cresceu, bem como o uso da imagem da agremiação em propagandas, como vemos a seguir:

Figura 2 - Propaganda da Casa Raião.



Fonte: O Paiz, 31 mai. 1920, p. 8.

No anúncio, propaga-se a ideia de que a “elite suburbana” teria aplaudido o fato de que os jogadores do Mackenzie calçaram as “shooteiras Raião”, uma decisão que teria determinado o resultado final. Perceba-se a representação de congraçamento: moradores, comerciantes e clube unidos para o bem do bairro.

A Casa Raião, propriedade de Cypriano Lopes de Almeida, personagem conhecido na região do Méier, se localizava na Rua Arquias Cordeiro, importante logradouro que beirava a linha férrea. Disputava com a Casa Aymoré, do Engenho de Dentro, a primazia do comércio de calçados no Distrito<sup>46</sup>. A oferta de chuteiras era uma de suas estratégias comerciais. A loja não apoiava somente o Mackenzie, mas também outras agremiações

<sup>45</sup> Em 1919, o Mackenzie fez jus às expectativas e sagrou-se vice-campeão na 3ª divisão da Liga Metropolitana, ascendendo à 2ª divisão.

<sup>46</sup> CONCURSO de calçados. Gazeta Suburbana, 3 jan. 1920, p. 5.

esportivas do bairro,<sup>47</sup> bem como atividades festivas e eventos carnavalescos. Para além do negócio, se percebe um engajamento no forjar de uma representatividade local (o que também poderia impulsionar as vendas).

Mesmo com forte conjugação de forças ao seu redor, houve muitas divergências internas quanto aos rumos do Mackenzie. Os conflitos na diretoria foram usuais,<sup>48</sup> bem como disputas de chapas por ocasião das eleições.<sup>49</sup> Por vezes, esses embates chegaram a abalar o clube. Em 1920, estava sem campo e, aparentemente, sem muitos atrativos em sua sede.<sup>50</sup> Passara por um processo de transição da presidência que dividiu os sócios e cronistas.<sup>51</sup>

O clima se pacificou quando assumiu a presidência José Soares Barbosa Junior, dirigente que marcou sua gestão por muitas realizações: recuperou o patrimônio, investiu na equipe de futebol, promoveu eventos sociais, homenageou e reconheceu os esforços de todos os grupos internos<sup>52</sup>. A sede voltou a ser apresentada como confortável e majestosa, reunindo “o que tem de mais fino e elegante”<sup>53</sup>, repleta de “senhoras, senhoritas e cavalheiros”.

Um dos desdobramentos dessa atuação foi o fato de que, em 1923, o Mackenzie se sagrou campeão do Torneio Início da Liga Metropolitana, uma conquista comemorada efusivamente no bairro e saudada em muitos periódicos. Vencera, na disputa, seu rival local, o Americano, mas também o Vasco e o Flamengo, entre outros.<sup>54</sup>

Essa conquista foi ainda mais especial por o Mackenzie ser da 1ª divisão da Liga, ainda que da série B. Isso é, na prática, era da 2ª divisão, cujo vencedor tinha o direito de ascender desde que antes vencesse o último colocado da série A. Um regulamento complexo, como tantos outros na história do futebol carioca. De toda forma, podia celebrar estar entre os clubes da elite do Rio de Janeiro. Seu nome circulava como expressão do progresso do Méier, fortalecendo sua autoridade no bairro.

---

<sup>47</sup> Por exemplo, o Sport Club Rio Branco (A GRANDE festa esportiva. O Imparcial, 20 mar. 1921, p. 9).

<sup>48</sup> Ver, por exemplo: O SUBURBIO semanal. Gazeta Suburbana, 8 de set. 1920, p. 9.

<sup>49</sup> Ver, por exemplo: FUTEBOL. O Paiz, 29 dez. 1920, p. 8.

<sup>50</sup> ENTREVISTA casual. Sport Ilustrado, 18 set. 1920, p. 20.

<sup>51</sup> UMA ASSEMBLEIA “sui generis” no Mackenzie. O Imparcial, 31 ago. 1920, p. 8.

<sup>52</sup> Ver, por exemplo: SPORT Club Mackenzie. Theatro e Sport, 26 jan. 1924, p. 22.

<sup>53</sup> FUTEBOL. O Paiz, 8 jan. de 1923, p. 5.

<sup>54</sup> Sobre esse Torneio, ver Santos (2010).

Em 1924, houve uma cisão na Liga Metropolitana. Os clubes de maior expressão fundaram uma nova entidade, a Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (AMEA) (SANTOS, 2010). José Soares Barbosa Junior participou ativamente desse debate, defendendo as agremiações de menor poder econômico.

A princípio, o Mackenzie manteve-se na antiga liga, pela primeira vez alçado à série principal. Todavia, já em 1925, passou a integrar a 2ª divisão da AMEA. Percebia-se que há uma certa regularidade na postura do Mackenzie. Nunca chegou a ser considerado exatamente como parte das equipes mais reconhecidas da cidade, mas sempre gozou de algum prestígio entre elas. Por um tempo, liderava os clubes menores, mas ao final compunha com a entidade mais prestigiosa.

Note-se que, no recorte temporal investigado, o clube não manteve relação com as ligas suburbanas que já existiam desde a década inicial do século.<sup>55</sup> Como o Méier, o Mackenzie transitava entre o urbano e o suburbano: estava nas fronteiras das zonas da cidade. Suas ações delineavam, nesse sentido, um perfil peculiar de morador.

Uma imagem recuperada por Santos (2010, p. 451) nos ajuda a pensar no espaço que o Mackenzie ocupava no futebol fluminense. Seu escudo era retratado no maço dos cigarros Olímpicos, ao contrário de muitos outros clubes suburbanos. Não figurava, contudo, entre os principais. Nesse caso, o representante do subúrbio era o Bangu, agremiação das origens do ludopédio no Rio de Janeiro. Entre os “menos nobres”, se encontrava também o seu rival Americano que, aquela altura, tinha sua sede localizada no Engenho de Dentro, onde havia uma sociedade esportiva que se destacava na Liga Suburbana, o Engenho de Dentro Atlético Clube.

---

<sup>55</sup> Somente na segunda metade dos anos 1930, percebendo que não tinha condições de participar das ligas mais prestigiosas, o Mackenzie passou a participar dos campeonatos da Federação Atlética Suburbana. Foi mesmo um dos fundadores e protagonistas dessa entidade, vencedor do campeonato de 1937 (O PRIMEIRO aniversário da F.A.S. O Radical, 24 ago. 1936, p. 8). Manteve-se nesse grupo até 1941, quando abandonou o futebol (MÉIER – esporte brilha com o Mackenzie. Correio da Manhã, 3 mar. 1967, p. 11).



Figura 3 - Maço dos cigarros Olímpicos recuperado e descrito por Santos (2010).



Os cigarros Olympicos, que custavam a metade de um ingresso das gerais, apostavam na fama dos principais clubes da LMDT. Do lado direito do maço, os clubes da 1ª Divisão (Botafogo, Fluminense, Flamengo, America, Bangu, São Christovão e Andarahy), sendo que os grandes aparecem no canto superior. Ao centro, os escudos da CBD e da LMDT. Do lado esquerdo, os clubes da 2ª Divisão (Carioca, Americano, Mangueira, Palmeiras, Mackenzie, Villa Izabel e Vasco). O escudo do clube da colônia portuguesa aparece no canto inferior. *O Imparcial*, 28 de agosto de 1921.

O Americano não foi para a AMEA. O Mackenzie, sim, mas enquadrado na categoria de membro especial, não geral, não efetivo, não fundador. A divisão de votos, na qual se considerava essa classificação e a prática de diferentes esportes, não deixava dúvidas do que ocorria. Os cinco “fundadores” – América, Bangu, Botafogo, Flamengo e Fluminense – tinham 50 votos. As outras 12 agremiações tinham somados 54. Percebe-se claramente quem mandava na nova liga.<sup>56</sup>

Ainda assim, a ida para a AMEA projetou o clube na cidade. De outro lado, trouxe alguns problemas. Um dos principais foi a falta de um estádio que atendesse às novas exigências. É usual tratar-se do tema a partir do exemplo do Vasco da Gama,<sup>57</sup> mas nem sempre se cita que isso ocorreu com muitas outras agremiações. Para participar das atividades promovidas pela elite do futebol do Rio de Janeiro, o preço não era baixo.

A agremiação do Méier tinha uma sede social bem constituída, mas seguia encontrando dificuldades para adquirir e beneficiar um terreno de forma a atender as exigências da AMEA no que se refere ao campo de futebol. Frente a tal impossibilidade, em 1925, utilizou o estádio do São

<sup>56</sup> FUTEBOL. *Jornal do Brasil*, 2 mar. 1926, p. 19.

<sup>57</sup> Ver, por exemplo, a discussão tecida por Santos (2010).

Cristóvão, o que exigia recursos para o aluguel e ainda dificultava o afluxo da torcida.

A propósito, havia novas exigências comportamentais para os torcedores. Num comunicado, a diretoria fez questão de deixar claro:

São proibidas quaisquer manifestações hostis aos amadores, juízes, autoridades esportivas etc., tanto da parte dos associados quanto do público em geral, assim como não será absolutamente permitido atirar bombas, foguetes e outros objetos, sendo os transgressores entregues à polícia.<sup>58</sup>

Uma vez mais, o clube agia no sentido de civilizar o frequentador dos jogos, o morador do Méier que precisava aprender como se portar nos estádios. Provavelmente, a diretoria tinha em conta o histórico de conflitos nas partidas da agremiação, estando ciosa de que seria julgada com muito rigor como ocorria com as associadas da AMEA que não integravam o grupo das mais renomadas. Essa postura pode até mesmo ter interferido nos hábitos de torcer, desanimado alguns adeptos, inclusive porque, àquela altura, no bairro já havia muitos que acompanhavam os times mais famosos da cidade.

Mesmo com uma celebrada vitória no Torneio Início da 2ª divisão de 1926,<sup>59</sup> em 1927, o problema chegou ao auge – o Mackenzie foi desligado “por deficiência material (praça de esportes)”, no entender da diretoria uma injustiça já que o clube “sempre soube cumprir pontualmente as demais obrigações por aquela entidade exigidas”.<sup>60</sup>

O Mackenzie foi, na verdade, por diversas vezes, criticado por deixar a Liga Metropolitana. Um cronista contestou o propósito de “clubes menores”<sup>61</sup> abandonarem “uma situação estável para acompanhar a triste e ambiciosa aventura” que, ao fim, os considerava como “parias do grande conclave dos deuses”. Já por ocasião de sua transferência para a AMEA, um jornalista traduziu o que se passou na cabeça de muitos, um “grande alarde nas zonas esportivas”: “O Mackenzie, que com tanto calor defendia outrora os direitos da Liga? Qual a razão do seu afastamento (...)?”.<sup>62</sup>

---

<sup>58</sup> SPORT Club Mackenzie. *Gazeta de Notícias*, 11 jul. 1925, p. 6.

<sup>59</sup> ESPORTES. *Gazeta de Notícias*, 4 mai. 1926, p. 7.

<sup>60</sup> AOS MACKENZISTAS. *O Imparcial*, 10 mai. 1927, p. 11.

<sup>61</sup> A NECESSARIA unificação do esporte carioca deve ser tentada. *O Brasil*, 23 jun. 1927, p. 6.

<sup>62</sup> O S. C. MACKENZIE abandona a Liga. *O Imparcial*, 27 mar. 1925, p. 8.

A nosso ver, tratou-se claramente do já comentado desejo de se manter entre os grandes clubes da cidade, ainda que sabedor de que seria encarado de forma distinta. A diretoria parecia avaliar que havia alguma possibilidade não só de reconhecimento como também de influência. Por exemplo, num debate sobre a reforma dos estatutos da AMEA,<sup>63</sup> a posição dos representantes do Mackenzie apontou para uma defesa profunda do amadorismo e da abertura de maior possibilidade de participação dos clubes menores.

Perceba-se que, ainda no mesmo ano, houve um apelo dos clubes da 2ª divisão da AMEA para que o Mackenzie retornasse ao campeonato. Sugeriu-se que deveria ser concedido à agremiação do Méier mais tempo para cumprir a exigência do estádio, a exemplo do que fora feito com o Olaria Atlético Clube.<sup>64</sup>

Vale a comparação com essa agremiação da Zona da Leopoldina. O início e trajetória de ambas guardam muitas similaridades: começaram como iniciativa de jovens interessados no futebol e se estruturaram mobilizando suas ações como valorização do bairro. As duas encontraram dificuldades de constituir suas sedes, mudando algumas vezes de sítio. O Olaria conseguiu construir um estádio que está de pé até os dias de hoje. E o Mackenzie?

O maior investimento da diretoria, na gestão de Mario Piragibe, foi construir, uma praça de esportes na qual haveria “excelente campo para futebol, além de riques para basquete e vôlei, além de quadras para tênis”.<sup>65</sup> Antes das obras iniciadas, se promoveu um hasteamento do “pavilhão alvinegro” para celebrar que se “deu um largo passo para a conquista de seus grandes ideais”. O terreno se localizava na Rua Jockey Club (atual Rua Licínio Cardoso), no bairro de São Francisco Xavier. A sede social seguiu no Méier.

A diretoria promoveu diversos festivais esportivos tendo em vista arrecadar recursos para as obras.<sup>66</sup> Contou para tal com o incentivo dos moradores, bem como de equipes da AMEA num momento em que aumentaram as pressões da imprensa para que se apoiasse os clubes

---

<sup>63</sup> FUTEBOL. Correio do Amanhã, 3 fev. 1931, p. 10.

<sup>64</sup> NOTAS do Dia. O Paiz, 25 nov. 1927, p. 11.

<sup>65</sup> SPORT Club Mackenzie. A Manhã, 17 jan. 1929, p. 9.

<sup>66</sup> SPORT Club Mackenzie. Correio da Manhã, 21 fev. 1929, p. 10.

menores. Havia mesmo críticas ao fato de que os periódicos não davam a eles o mesmo destaque concedidos às agremiações mais famosas. Um representante do Mackenzie chegou a publicamente expressar esse ponto de vista, argumentando que tal atenção era fundamental para manter a ideia de amadorismo e potencializar as contribuições do esporte para a nação.<sup>67</sup>

No dia 13 de maio de 1930, a nova praça de esportes foi inaugurada com um grande festejo que mobilizou os moradores do Méier e contou com a participação de outras equipes do subúrbio (Olaria e Bonsucesso).<sup>68</sup> A partir de então, durante pouco tempo, o Mackenzie gozou de algum conforto na AMEA. Chegou a promover celebrados torneios esportivos envolvendo vários clubes, em algumas ocasiões, no *ground* do Flamengo localizado em Laranjeiras,<sup>69</sup> em outras, na sede da Rua Jockey Club.

De outro lado, seguiram alguns problemas, especialmente os conflitos entre torcedores nos seus jogos. Um ofício do Olaria, pedindo providências prévias à AMEA, indignou a diretoria do Mackenzie que chegou a reconhecer os usuais tumultos, responsabilizando, contudo, os adversários.<sup>70</sup> O fato é que, a despeito de seus esforços, seguia transparecendo que não era muito comportada sua torcida.

Em 1931, o Mackenzie conquistou sua melhor posição nos campeonatos da AMEA, 2º lugar. O ano seguinte começou com uma boa notícia: a diretoria teria providenciado um terreno no Méier para a instalação da praça de esportes, um velho desejo dos associados<sup>71</sup>. O novo estádio, todavia, não recebeu a aprovação da AMEA.<sup>72</sup>

Vivendo mais uma de suas crises internas e novamente sem campo, o Mackenzie ainda foi abalrado por outra ocorrência, pelo menos assim argumentou para abandonar o campeonato: vários de seus jogadores que

---

<sup>67</sup> A VOZ Sonora dos pequenos. Diário Carioca, 14 mai. 1929, p. 11.

<sup>68</sup> GRANDE Festa Inaugural da praça de esportes do Mackenzie. A Batalha, 13 mai. 1930, p. 4.

<sup>69</sup> Ver, por exemplo: O GRANDE Festival Esportivo de amanhã, promovido pelo Sport Club Mackenzie. Diário de Notícias, 28 fev. 1931, p. 16.

<sup>70</sup> OS RECEIOS do Olaria apreciados pelo Mackenzie. Jornal dos Sports, 30 out. 1931, p. 2.

<sup>71</sup> O SPORT Club Mackenzie terá afinal a sua praça de esportes no Méier. Diário Carioca, 1 mar. 1932, p. 14.

<sup>72</sup> ESPORTES. Diário da Noite, 15 abr. 1932, p. 6.

eram militares foram mobilizados, provavelmente em virtude dos conflitos da Revolução Constitucionalista.<sup>73</sup>

Em longa e cuidadosa carta, cheia de pedidos de desculpas, a diretoria explicou as motivações, lembrando, inclusive, as dificuldades que enfrentara com a praça de esportes, deixando claro que desejava continuar atuando nos campeonatos de outras modalidades. De fato, a despeito de se afastar do campeonato de futebol da AMEA, a agremiação seguiu bastante ativa e reconhecida especialmente por seus eventos sociais.

Em 1932, por exemplo, foi organizado um baile que mereceu o seguinte comentário de um cronista do Jornal do Brasil: “Como as reuniões promovidas por esse clube já tenham fama de suntuosas, é de se esperar que a próxima (...) supere as anteriores”<sup>74</sup>. De fato, essa foi uma faceta muito importante do Sport Club Mackenzie, como veremos a seguir.

### **Mackenzie: um clube social**

Ainda que dedicando maior atenção ao futebol, inclusive com a promoção de campeonatos internos,<sup>75</sup> no Mackenzie, outras modalidades também tiveram espaço desde sua fundação. Na festa de natal de 1915, por exemplo, foram organizadas provas de cabo de guerra, páreos de corridas, lutas de jiu jitsu.<sup>76</sup> O evento de dia inteiro se encerrou com uma partida do velho esporte bretão e distribuição de brinquedos. Começava a se delinear uma associação voltada para atender as demandas por sociabilidade dos moradores do Meier

Como vimos, paulatinamente, o clube tornou-se reconhecido no bairro que crescia e melhor estruturava seu mercado de entretenimentos. Com isso, aumentou também o apoio a seu funcionamento. Em 1916, o Circo François, instalado na “capital dos subúrbios (...) dando enchentes a todos seus espetáculos”,<sup>77</sup> promoveu uma sessão em “benefício do querido Sport Club Mackenzie”. A agremiação e o Méier começaram a se congregar no que tange aos intuitos civilizatórios de suas lideranças.

---

<sup>73</sup> PORQUE o Mackenzie abandonou o torneio da segunda divisão. Correio da Manhã, 14 ago. 1932, p. 19.

<sup>74</sup> CLUBES da AMEA. Jornal do Brasil, 24 nov. 1932, p. 17.

<sup>75</sup> CLUBES da Metropolitana. O Imparcial, 29 abr. 1917, p. 11.

<sup>76</sup> SPORT. Jornal do Brasil, 24 dez. 1915, p. 14. O clube também se dedicava ao atletismo e, futuramente, teria uma trajetória marcante no basquetebol.

<sup>77</sup> CIRCO François. O Paiz, 16 mai. 1916, p. 4.

Um incidente ocorrido nesse mesmo ano é um indício desse processo de relação tendo um fim em comum. Tratou-se de um problema interno da diretoria que acabou com a exclusão de um de seus membros. As polêmicas chegaram aos jornais, provavelmente também a alguns espaços cotidianos do bairro. O debate apontava no sentido de reconhecer os “progressos do Sport Club Mackenzie, o querido clube das famílias do Méier”.<sup>78</sup>

Nesse cenário, a agremiação aumentou sensivelmente sua inserção social e a afirmação de seus compromissos com o bairro. Na festa de natal de 1916, além dos festejos e competições esportivas, se procedeu uma “distribuição de gêneros aos pobres”<sup>79</sup>, donativos entregues ao Dispensário de São José<sup>80</sup>. Frente a tal decisão, celebrou um cronista: “O Sport Club Mackenzie há muito que se vem impondo à admiração pública”.<sup>81</sup>

O cronista da Gazeta de Notícias foi ainda mais enfático: “O Sport Club Mackenzie, não se restringindo à educação física de seus associados, muito acertadamente, procura, com os sentimentos humanitários de que são dotados os seus diretores, minorar também, quanto possível, as necessidades da pobreza local”,<sup>82</sup> As ações do clube eram representadas como uma experiência exemplar, uma contribuição à educação da juventude, uma inspiração aos moradores.<sup>83</sup>

Os elogios da Gazeta de Notícias também tinham relação com uma decisão da diretoria que visava ampliar a repercussão das ações do Mackenzie. Em 1915, o periódico foi escolhido como órgão oficial<sup>84</sup> – responsável por dar uma cobertura prioritária, recebendo por isso algumas facilidades.<sup>85</sup>

As agremiações menores adotavam usualmente essa estratégia, estimulada pelos próprios periódicos, uma forma de ver suas atividades mais difundidas. Já os jornais tinham em conta a ampliação do seu público consumidor, uma vez que crescia substancialmente o número de habitantes

---

<sup>78</sup> FUTEBOL. A Época, 4 nov. 1916, p. 5.

<sup>79</sup> SPORT Club Mackenzie. Correio da Manhã, 12 nov. 1916, p. 5.

<sup>80</sup> O Dispensário São José foi uma tradicional entidade de apoio aos pobres que se manteve em funcionamento entre as décadas de 1920 e 1980.

<sup>81</sup> FUTEBOL. Jornal do Comércio, 28 dez. 1916, p. 8.

<sup>82</sup> SPORT Club Mackenzie. Gazeta de Notícias, 9 nov. 1916, p. 5.

<sup>83</sup> Eventos beneficentes foram promovidos durante anos. Um exemplo é o “Natal das crianças pobres”, organizado em 1925 (FUTEBOL. Jornal do Brasil. 23 dez. 1925, p. 18).

<sup>84</sup> FUTEBOL. Gazeta de Notícias, 23 nov. 1915, p. 5.

<sup>85</sup> Em 1927, se tornou órgão oficial do clube o jornal A Rua, periódico que dedicava grande atenção ao esporte suburbano.

da zona suburbana do Rio de Janeiro. Essa articulação ajudava a construir uma boa imagem não somente para o clube, como também para o bairro.<sup>86</sup>

Interessava muito à elite local, que lutava contra os estigmas e reivindicava melhorias para o bairro, as repercussões públicas das atividades do Mackenzie. O cronista de *A Noite*, por exemplo, não poupou elogios a um festival realizado em 1916. Para ele, tratava-se de um evento caracterizado “pela ordem e respeito”,<sup>87</sup> pela presença da “fina rapaziada do subúrbio”, pelo “que mais seletos há no Méier e adjacências”.

Quem era essa elite local envolvida com o clube? Vejamos alguns nomes. O presidente honorário era o 1º tenente médico Herbert Maia de Vasconcellos. Outro dirigente máximo foi José Rodrigues Fernandes, proprietário de um comércio de secos e molhados na Rua Lucídio Lago, o Armazém Primor. Euclides Vianna Simões tinha uma pequena indústria no Méier. Em geral, eram profissionais liberais, funcionários públicos (militares e civis), donos de pequenos empreendimentos, todos moradores da região.<sup>88</sup>

O Mackenzie nunca anunciou intuítos políticos claros, mas, como é usual nas experiências agremiativas, inclusive pelas características do corpo de associados, sediou atividades e estabeleceu relações de solidariedade com grupos como a Liga Política Eleitoral do Distrito Federal, fundada na sede do clube<sup>89</sup>. Vale citar que era deputado federal Mario Piragibe, um dos seus presidentes mais dinâmicos.<sup>90</sup> João Barbosa Junior tinha também grande inserção política, especialmente entre os ferroviários.

Essa elite local foi de grande importância na consolidação do Mackenzie. Por exemplo, atuou intensamente na tentativa de resolução do problema da sede. De um lado, procurou-se aperfeiçoar sua “praça dos esportes”, especialmente o campo de futebol, expressão do intuito de ampliar a inserção do clube no âmbito esportivo da cidade. De outro, buscou-se mais conforto para a convivência na sede social.

Como vimos, a repercussão pública do clube extravasou as fronteiras do Méier. Suas atividades passaram a ser noticiadas amplamente na cidade. Em 1919, o Mackenzie celebrou o seu quinto ano de funcionamento em

---

<sup>86</sup> Ver, por exemplo: CLUBES da Metropolitana. *O Imparcial*, 1 mai. 1920, p. 8.

<sup>87</sup> ESPORTES. *A Noite*, 26 dez. 1916, p. 5.

<sup>88</sup> FUTEBOL. *A Época*, 9 jan. 1918, p. 6.

<sup>89</sup> LIGA Política do Eleitoral do Distrito Federal. *A Razão*, 23 jan. 1921, p. 2.

<sup>90</sup> FUTEBOL. *Correio da Manhã*, 25 jun. 1929, p. 6.

grande estilo. A prestigiosa Careta publicou uma foto do evento<sup>91</sup>. O Paiz concedeu quase duas colunas para comentar o festejo: “Comemorando a gloriosa data de hoje, a diretoria do querido centro de desportos da estação do Méier promove logo à noite, em sua magnífica sede social (...) uma encantadora festa que, por certo, considerando-se a fidalguia das alvinegras, reverter-se-á de grande brilho”.<sup>92</sup>

Multiplicaram-se os elogios em vários periódicos. Em 1920, o cronista do Correio da Manhã o considerou heroico, batalhador, valente, a caminho de se tornar um dos melhores centros esportivos do Rio de Janeiro. Elencou todas as vitórias (em número bem maior do que as derrotas e empates), bem como as conquistas de taças e troféus.<sup>93</sup> O clube se tornou uma vitrine do bairro, um orgulho dos moradores, ainda que boa parte não pudesse frequentá-lo.

Mesmo que o acesso à sede fosse mais restrito aos associados e seus convidados, não raramente as festas do Mackenzie tomavam as ruas do bairro. Uma dessas ocasiões notáveis foi a batalha de confetes promovida em 1920. Tudo indica que foi realizada no Jardim do Meier, já uma importante referência de entretenimento local. A banda responsável pela animação foi a da Escola Quinze de Novembro, uma instituição correcional situada em Quintino. A já citada Casa Raião homenageou o clube com uma estátua de bronze.<sup>94</sup>

Vale citar que foram responsáveis por organizar o evento algumas senhoritas da elite do Méier, entre as quais cinco da família Carvalho: Dagmar, Zilda, Targina, Elza e Francisca. Quando se busca seus nomes nos jornais, percebe-se que estavam envolvidas em vários eventos sociais, forjando um novo perfil feminino mais protagonista e presente na cena pública, conforme já observado no que tange ao comportamento das torcedoras do Mackenzie.

O clube crescia e se projetava contando com o apoio da população do Méier, associados ou não. Nesse processo, difundia imagens positivas do bairro. A diversão era o ponto central, o intuito explícito. Mas as

---

<sup>91</sup> Careta, 22 mar. 1919, p. 11.

<sup>92</sup> FUTEBOL. O Paiz, 15 mar. 1919, p. 7.

<sup>93</sup> FUTEBOL. Correio da Manhã, 15 mar. 1920, p. 6.

<sup>94</sup> PELOS Clubes. O Paiz, 3 fev. 1920, p. 7; BATALHA de confete. Jornal do Comércio, 4 fev. 1920, p. 4.



intencionalidades das suas ações extravasavam em muito esse objetivo, como também as fronteiras do Distrito.

O Mackenzie passou a se colocar à disposição do progresso da cidade e da nação. Um exemplo interessante foi a proximidade do clube com o escotismo. Não se tratou de uma excepcionalidade. Herold Júnior e Melo (2018) já discutiram o forte relacionamento que se estabeleceu, no Rio de Janeiro, entre agremiações esportivas e grupos escoteiros. Tais encontros, nos anos 1910 e 1920, tinham em conta uma confluência no que tange às preocupações com a educação da juventude.

Em alguns clubes se instalaram grupos de escoteiros. No caso do Mackenzie, houve diversas formas de apoio. Em abril de 1919, por exemplo, o clube promoveu uma festa em homenagem ao núcleo do Méier<sup>95</sup>, muito ativo e dirigido por militares que viviam no bairro, entre os quais o major Edgard Vianna, que também foi presidente da agremiação. Vale ressaltar que integrava a iniciativa aquele que se tornaria um dos grandes líderes do escotismo nacional, futuro Comissário Nacional de Escoteiros de Terra: Gabriel Skinner.

A cerimônia de entrega das medalhas, marcada por caráter festivo, ainda que solene, bem como presença de grande público, foi realizada no Jardim do Méier<sup>96</sup>. Uma vez mais clube e bairro se irmanavam em torno de bens maiores, a valorização local e a afirmação de compromissos educacionais, uma representação que circulava e a diretoria estava atenta: “O Sport Club Mackenzie, sociedade formada por um grupo de distintos *sportsmen*, residentes no Méier, (atua) para o desenvolvimento físico da mocidade nacional”.<sup>97</sup>

Uma faceta importante da demonstração pública de compromisso social do Mackenzie, pelo caráter civilizatório que cercava a iniciativa, foi a promoção frequente de bailes. As festas eram marcadas, a crer nos relatos, por grande animação, boa música, comida e bebida adequada, bem como, algo sempre ressaltado, grande presença de “senhoras e senhoritas”, muitas citadas nominalmente.

---

<sup>95</sup> A FESTA do Mackenzie. Sports, 27 abr. 1919, p. 16.

<sup>96</sup> SUBURBIOS. A Época, 8 jun. 1919, p. 5.

<sup>97</sup> FUTEBOL. O Paiz, 15 mar. 1922, p. 7.

Os bailes, inclusive os promovidos por ocasião do carnaval, atraíam os grupos economicamente privilegiados do bairro e redondezas, “o que tem de mais fino e elegante a capital dos subúrbios”<sup>98</sup>, “o que há de mais fino na grande elite da capital suburbana”,<sup>99</sup> como exaltavam os cronistas. Mesmo sendo eventos de caráter restrito, ecoavam pelo bairro e pela cidade, desempenhando também outra função: apresentar a elite e os líderes locais na cena pública.

Na verdade, muitos eventos de importância para o bairro tiveram como local a sede do Mackenzie, tal como uma recepção a famosos aviadores, celebração que contou com o envolvimento de comerciantes do Méier e de Todos os Santos<sup>100</sup>. O agradecimento aos que apoiaram a iniciativa é uma expressão da vinculação da sociedade esportiva com intuítos de certas lideranças: “cremos que nunca seremos por vós esquecidos, pois visamos o engrandecimento de nosso populoso bairro, que tem caminhado com ajuda de nosso pequenino auxílio, a passos agigantados para o progresso”.<sup>101</sup>

Outro exemplo da respeitabilidade pública que logrou o Mackenzie foi a cerimônia de inauguração de uma sucursal de O Jornal instalada no Méier. O evento contou com a participação de personagens eminentes da cidade, políticos e empresários importantes, inclusive o próprio Assis Chateaubriand que, ao agradecer a agremiação pela acolhida, sacramentou:

Jornalismo e futebol são ambos esportes, e cada qual mais útil e interessante no seu gênero: se os jogos esportivos desenvolvem fisicamente a raça; se trazem para a formação do caráter de um povo a noção de “fair play”, não contribui menos o jornalismo para a constituição da sadia base moral de um estado.<sup>102</sup>

Em 1928, a sede do Mackenzie acolheu o concurso Rainha da Festa, promovido pela influente Vida Doméstica, um periódico de costumeiro enlace com os hábitos familiares das elites cariocas. Uma página inteira com três fotos foi dedicada aos informes dos resultados, sem dúvida mais uma boa divulgação do clube e mesmo do bairro.

---

<sup>98</sup> FUTEBOL. O Paiz, 8 jan. 1923, p. 5.

<sup>99</sup> BAILE à fantasia do Sport Club Mackenzie. Correio da Manhã, 11 fev. 1928, p. 9.

<sup>100</sup> O “JAHÚ”. A Noite, 4 jul. 1927, p. 8; FESTAS. Jornal do Brasil, 13 jul. 1927, p. 14.

<sup>101</sup> HOMENAGENS do S. C. Mackenzie ao “Jahú”. A Rua, 4 ago. 1927, p. 5.

<sup>102</sup> INAUGUROU-SE ontem, a sucursal D’ “O Jornal” no Méier. O Jornal, 3 abr. 1925, p. 1.

Figura 4 - Concurso Rainha da Festa



Fonte: **Vida doméstica**, mai. 1928, p. 79.

Na década de 1930, aumentou ainda mais a inserção pública do Mackenzie com a inauguração de uma nova sede social, apresentada por um cronista como um “dos mais belos palacetes do Méier”.<sup>103</sup> O clube definitivamente marcou sua importância na vida social local, sediando e organizando iniciativas que valorizavam o bairro e propugnavam a importância de ser civilizado, aprender a ser suburbano, sim, mas não no sentido que apontavam os estigmas oriundos da região central da cidade.

### **À guisa de conclusão**

O Mackenzie é uma agremiação recreativa que teve início modesto, dedicada predominantemente ao futebol. No decorrer de sua trajetória, foi mais categoricamente ampliando suas intencionalidades de se envolver com outros esportes e ter uma atuação social mais denotada, um processo que se articulou com a estruturação de um mercado de entretenimentos no Meier, bem como com os projetos de combate aos estigmas e de valorização local entabulados pela elite do bairro.

Na trajetória do clube, paulatinamente tornaram-se claras suas intenções de contribuir com o processo civilizatório do Méier. A agremiação foi apresentada como um exemplo a ser seguido, relacionado ao forjar da identidade de um bairro que se constituía nas fronteiras entre as zonas urbana e suburbana do Rio de Janeiro.

---

<sup>103</sup> NOVA sede do Sport Club Mackenzie. *Correio da Manhã*, 12 dez. 1930, p. 9.

O Mackenzie foi importante no estabelecimento do duplo diálogo pretendido pela elite local. Por meio de sua atuação, poder-se-ia demonstrar que o Méier aderiria a noções de civilização e progresso, não era o lugar da desordem, violência, incivilidade. A tentativa de participação na principal liga de futebol, bem como a exuberância dos bailes eram facetas dessa intenção.

Além disso, suas atividades apresentavam modelos de comportamentos para que o conjunto de moradores do bairro aprendessem a ser suburbanos no sentido proposto pela elite local, um movimento contrário aos estigmas advindos da região central da cidade. Por isso, tanto incomodavam os episódios de violência envolvendo o futebol, pois feriam e demonstravam os limites dos discursos civilizatórios.

Não surpreende que o Mackenzie tenha se tornado a sede dos principais eventos do bairro. O clube foi construindo uma autoridade pública sustentada na sua potencialidade de mediação entre projetos de elite e o grande conjunto de moradores que envolvia em algumas de suas atividades, ainda que muitas fossem de caráter restrito.

Ao adotar discursos civilizatórios, o Mackenzie conjugou diversão e educação. Sentia a necessidade de educar os moradores, torcedores e associados para que bem frequentassem as atividades promovidas, elas mesmo uma experiência civilizatória: um processo de educação para o entretenimento. Nesse cenário, pretendia desenvolver comportamentos que fossem úteis aos projetos da elite do bairro: um processo de educação pelo entretenimento.

Enfim, cremos que o estudo permitiu lançar novos olhares para a história dos clubes esportivos e do esporte – ao chamar a atenção para o fato de que a prática teve um relevante desenvolvimento não somente nas regiões centrais usualmente mais investigadas, bem como para a história dos subúrbios – ao reconhecer a importância e protagonismo dessa zona na trajetória da cidade do Rio de Janeiro.

## **Referências**

ABREU, M. **A evolução urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IPLANRIO/Zahar, 1987.

ANDERSON, B. **Comunidades imaginadas:** reflexões sobre a origem e expansão do nacionalismo. Lisboa: Edições 70, 2005.

BONFIM, A. F. **Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos:** uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941). Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais). Rio de Janeiro: FGV, 2019.

FERNANDES, N. N. **O rapto ideológico da categoria subúrbio.** Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

GERSON, B. **História das ruas do Rio.** Rio de Janeiro: Livraria Brasileira Editora, 1965.

HEROLD JUNIOR, C.; MELO, V. A. Escotismo e esporte: propostas de educação do corpo no Rio de Janeiro dos anos 1910-1920. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 23, e230045, 2018.

LUCA, T. R. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (org.). **Fontes históricas.** São Paulo: Ed. Contexto, 2005. p. 111-153.

MACIEL, L. A. Outras memórias nos subúrbios carioca: o direito ao passado. In: OLIVEIRA, M. P. O.; FERNANDES, N. N. (orgs.). **150 anos de subúrbio carioca.** Rio de Janeiro: Lamparina/Faperj/EdUFF, 2010. p. 187-218.

MELO, V. A. Educação, civilização, entretenimento: o Tivoli – um parque de diversão no Rio de Janeiro do século XIX (1846-1848). **Revista Brasileira de História da Educação**, Maringá, v. 20, e114, 2020.

MENDONÇA, L. C. **Nas margens:** experiências de suburbanos com periodismo no Rio de Janeiro, 1880-1920. Dissertação (Mestrado em História). Niterói: UFF, 2011.

MIYASAKA, C. R. **Os trabalhadores e a cidade:** a experiência dos suburbanos cariocas (1890-1920). Tese (Doutorado em História). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2016.

NEGRO, A. L.; SILVA, S. (orgs.). **E. P. Thompson:** As peculiaridades dos Ingleses e outros artigos. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania:** uma história social do futebol do Rio de Janeiro (1902-1938). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

SANTOS, J. M. C. M. **Revolução Vascaína:** a profissionalização do futebol e inserção socioeconômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934). Tese (Doutorado em História). São Paulo: USP, 2010.

SCHWARCZ, L. M. Da minha janela vejo o mundo passar: Lima Barreto, o centro e os subúrbios. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 31, n. 91, p. 123-142, 2017. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/141909>>. Acesso em: 14 jun. 2020.

SOUSA, R. G. **Cinemas no Rio de Janeiro:** trajetória e recorte espacial. Dissertação (Mestrado em Ciências). Rio de Janeiro: UFRJ, 2014.